

CARTILHAS PRODUZIDAS POR AUTORAS GAÚCHAS: UM ESTUDO SOBRE A CIRCULAÇÃO E O USO EM ESCOLAS DO RIO GRANDE DO SUL (1940-1980)¹

BOOKLETS PRODUCED BY AUTHORS IN RIO GRANDE DO SUL: A STUDY ON THEIR CIRCULATION AND USE IN SCHOOLS IN RIO GRANDE DO SUL (1940-1980)

Eliane Peres

*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
etperes@terra.com.br*

Chris de Azevedo Ramil

*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
chrisramil@gmail.com*

Resumo

Este artigo é resultado de um projeto mais amplo que cruza dados obtidos em cartilhas produzidos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1940 a 1980, com cadernos de crianças em fase de alfabetização (Pré-escola, 1ª a 2ª série). Os documentos pertencem ao acervo do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES-PPGE/FaE/UFPEL). Neste artigo, o objetivo é apresentar os primeiros resultados da pesquisa, a partir do cruzamento dos dados de 16 cartilhas gaúchas com 57 cadernos de alunos, referentes ao período de 1940-1980, com o qual podemos apresentar algumas cartilhas gaúchas que circularam nas escolas do Rio Grande do Sul, em especial na Região Sul do estado, bem como alguns aspectos de *como* foram usadas pelas professoras e pelos alunos.

Palavras-chave: História da alfabetização. Cartilhas. Cadernos escolares. Rio Grande do Sul.

Abstract

This article is an outcome of a broader project that crosses data from primers produced in the Brazilian state of Rio Grande do Sul between the years of 1940 and 1980 with notebooks of children learning how to read and write (Kindergarten, 1st and 2nd grades). The documents belong to the archives of the *Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura,*

¹ Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa intitulado Produção, circulação e uso de cartilhas e livros didáticos produzidos por autoras gaúchas (1940-1980), financiado pelo CNPq, Edital Chamada Universal MCTI/CNPQ Nº 14/2014.

Escrita e dos Livros Escolares (HISALES-PPGE/FaE/UFPel) [Reading, Writing, School Books, and History of Literacy Research Group]. The goal of this paper is to present the first results of the research, obtained from crossing data from 16 primers from Rio Grande do Sul with 57 children's notebooks from 1940 to 1980. Therefore, we may present some primers from Rio Grande do Sul that circulated in the schools of this state, especially in its Southern region, as well as some elements of *how* they were used by teachers and students.

Keywords: History of literacy. Primers. School notebooks. Rio Grande do Sul.

Introdução

O grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), cadastrado no CNPq desde 2006, é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPel). Além da investigação na área de alfabetização, leitura e escrita, livros didáticos, o referido grupo tem como um de seus objetivos fundamentais a constituição de acervos para manutenção da história e da memória da alfabetização e da escolarização primária do Rio Grande do Sul. O grupo possui, atualmente, um importante acervo que conta com: a) cartilhas e livros de alfabetização, do século XIX aos dias atuais; b) livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1940 e 1980; c) cadernos de crianças em fase de alfabetização, do período de 1930 até a atualidade; d) cadernos de planejamento de professoras alfabetizadoras, dos anos de 1960 também até os dias atuais; e) materiais didático-pedagógicos escolares diversos. Contudo, nossa missão primeira é o desenvolvimento de investigações relativas às temáticas mencionadas.

Alguns dos integrantes do grupo têm desenvolvido pesquisas no campo da história da escolarização primária e da alfabetização gaúcha desde 1995², e, nesse curso de investigação, a questão da produção de cartilhas e de livros didáticos escritos por autoras gaúchas tem sido central nas análises³.

Na tradição de pesquisa que temos realizado e para consolidar o grupo, um projeto amplo de investigação foi proposto em 2014 e está em andamento desde então, com os seguintes objetivos: 1) analisar as cartilhas e os livros didáticos

² Peres (1995; 2000).

³ Peres & Cêzar (2003); Peres & Porto (2004); Peres & Facin (2010); Peres & Dietrich (2010); Peres (1999, 2006a, 2006b, 2006c, 2007, 2008a, 2008b; 2008c; 2011, 2014); Alves (2013); Ramil (2013).

de autoras gaúchas, produzidos entre 1940-1980, enfatizando aspectos da produção, da circulação e do uso nas escolas primárias do Rio Grande do Sul; 2) analisar aspectos pedagógicos, ideológicos, gráficos e editoriais da/na produção didática gaúcha do referido período; 3) identificar, nos cadernos de crianças e de planejamento de professoras, *quais e como* os livros gaúchos foram utilizados nas salas de aulas.

O recorte temporal do projeto de pesquisa mais amplo – do qual este trabalho decorre – deve-se principalmente ao fato de que o período de 1940 a 1980 é considerado o auge da produção didática no Rio Grande do Sul capitaneado pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (CPOE/SEC-RS), órgão que fomentou e influenciou a produção de obras didáticas de professoras, técnicas e orientadoras educacionais no Estado.

O CPOE atuou entre os anos de 1942 (ano de sua criação) e 1970, e exerceu relevante papel no contexto educacional gaúcho ao intervir na organização do ensino, centralizar atividades e coordenar a execução de políticas públicas. Foi responsável pela consolidação de um projeto político-pedagógico em que os saberes se afirmavam como novos e científicos (PERES, 2000; QUADROS, 2006).

Durante o período de atuação do CPOE, o movimento de renovação e modernização pedagógica procurou reestruturar a escola, reformulando os programas e os métodos de ensino. De acordo com outro estudo realizado (PERES, 2000, p. 401), “o discurso que se impôs como ordenador do mundo escolar foi o da ciência renovada. É preciso perceber, por um lado, que não era qualquer ciência: era moderna e renovada; por outro, não era qualquer renovação: era científica”.

Esse modelo escolar, que se afirmava como novo, moderno, científico e experimental, colocava os especialistas em educação como definidores e enunciadores das orientações, instituindo mecanismos reguladores em relação aos materiais didáticos, pois os mesmos, de acordo com o discurso do CPOE, não estavam acompanhando as mudanças que ocorriam na educação. A insatisfação com os livros didáticos existentes, por exemplo, pode ser percebida em um artigo publicado na *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul que afirmava o seguinte: “os livros didáticos são, em grande maioria, cansativos, pouco atraentes, apresentando concepções muito pessoais e asoberbando os alunos com elementos desnecessários” (CABEDA; SOUZA; BLANKENHEIN, 1965, p. 03).

A Comissão de Estudo do Livro Didático e do Material Didático do CPOE fiscalizava os materiais pedagógicos utilizados nas escolas. Esses deveriam estar “de acordo com os avanços das ciências, em todos os campos técnicos e científicos”, e eram avaliados conforme seus aspectos formativos (hábitos, atitudes e habilidades); informativos (estar de acordo com os avanços das ciências, nos campos técnicos e científicos); materiais (qualidade do material,

levando em consideração apresentação física e a adequação ao programa) e socioeconômicos (nível socioeconômico dos alunos e disponibilidade da obra) (CABEDA; LOPES; SOUZA; BLANKENHEIN, 1965, p. 2-3).

Devido à demanda por livros didáticos considerados de boa qualidade, ocorreu um processo de “profissionalização da/na produção didática gaúcha”, a partir das políticas do CPOE, especialmente entre os anos de 1950 e 1970 (PERES, 2006b, p. 171). Nessa “profissionalização da produção”, atuaram de forma ativa os técnicos em educação, como “detentores e porta-vozes do saber especializado e científico no âmbito da educação” (QUADROS, 2006, p. 284). Os técnicos em educação assumiram, muitas vezes, a tarefa de elaborar obras que estivessem de acordo com os novos preceitos educacionais, ou seja, “modernos e científicos”.

O cargo de “Técnico em Educação” do CPOE foi ocupado em sua maioria por professoras que tinham como formação o curso normal e a habilitação para lecionar no ensino primário. As técnicas educacionais desempenhavam um importante papel no campo educacional gaúcho, escrevendo os boletins do referido Centro com as prescrições das orientações, ministrando os cursos de formação para o magistério, organizando testes e avaliações para os alunos e, a partir de determinado momento, produzindo também materiais didáticos, com ênfase nos livros. Esse grupo de mulheres que assumiu a tarefa de elaborar obras didáticas que estivessem de acordo com os chamados novos preceitos educacionais desenvolveu expressiva produção de livros com destinação escolar e, de certo modo, se profissionalizou neste campo.

A produção de livros desse período, sob a política oficial do CPOE, tem estado entre os focos de interesse do grupo de pesquisa HISALES, especialmente pelas relações possíveis de serem analisadas (autoras, editoras, órgãos públicos, escolas etc.)⁴. Em relação aos livros didáticos, Batista (1999, p. 554) chama a atenção para o fato de que as

[...] diversidades de suas características materiais, discursivas e estruturais decorrem, fundamentalmente, do complexo inter-relacionamento de pelo menos três grandes conjuntos de condições: aquelas ligadas a (i) fatores de ordem econômica e tecnológica, (ii) de ordem educacional e pedagógica e (iii) de ordem social e política.

A complexidade e as diversidades na produção de livros didáticos, referidas pelo autor, têm sido foco de nossos estudos para o caso gaúcho. Demonstramos que a produção didática foi bastante numerosa entre as décadas de 1940 e 1980 no Rio Grande do Sul. Até o momento foi possível mapear, além das

⁴ Estudos específicos sobre algumas coleções didáticas vêm sendo desenvolvidos no grupo de pesquisa. Entre eles, estão as dissertações de mestrado de Dietrich (2012) e Ramil (2013), além da tese de doutorado de Alves (2013).

cartilhas “isoladas”, trinta e quatro coleções didáticas (livros de 1º ano/1ª série ao 5º ano/5ª série e Exame de Admissão), tendo sido o auge dessa produção o período entre os anos de 1950 e 1960. Essas obras didáticas foram produzidas, predominantemente, por mulheres que tiveram, em algum momento de suas trajetórias profissionais, algum vínculo com o CPOE como, por exemplo: Nelly Cunha⁵, Cecy Cordeiro Thofehrn⁶, Helga Joana Trein, Zélia Maria Sequeira de Carvalho, Ada Vaz Cabeda, Eddy Flores Cabral, Rosa Maria Ruschel, Flávia E. Braun, Ruth Ivoty Torres da Silva, Gilda de Freitas Tomatis, Sydia Sant’Anna Bopp. As professoras gaúchas, autoras de livros didáticos, que não estiveram diretamente ligadas ao CPOE, como, por exemplo, as professoras Teresa Iara Palmini Fabretti e Maria de Lourdes Gastal, tiveram importantes posições no cenário educacional gaúcho. Gastal, por exemplo, foi diretora do mais importante periódico educacional gaúcho, a Revista do Ensino, por um longo período, entre 1951 e 1964.

As obras didáticas produzidas pelas *professoras-autoras* eram destinadas a diferentes séries escolares, abrangendo pré-livros, cartilhas, livros de leitura, cadernos de exercícios, livros para todas as séries do ensino primário, livros de Admissão ao Ginásio, entre outros. As coleções contemplam as diversas áreas do conhecimento, como Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Naturais. Com grande esforço, esses livros têm sido reunidos, catalogados e estudados pelo grupo de pesquisa HISALES, como afirmamos.

No que tange à produção didática gaúcha, é preciso salientar que há uma questão de pesquisa, no projeto mais amplo que vem sendo desenvolvido, que nos move, qual seja: *como* os livros didáticos produzidos por autoras gaúchas foram utilizados em sala de aula, no período em questão. Os cadernos das crianças e os de planejamento de professoras que reunimos ao longo desses nove anos de efetivo trabalho (desde 2006) apresentam muitos dados desses usos. Podemos, assim, além de analisar a produção (aspectos pedagógicos, ideológicos, editoriais e gráficos) – o que temos feito –, estudar aspectos da circulação e dos usos desses livros, ampliando de forma considerável a compreensão do circuito desses impressos pedagógicos (DARNTON, 2010; CHARTIER, 1990, 1996, 2000).

Darnton (2010), a partir da proposição do “circuito da comunicação”, auxilia na compreensão dessa intrincada relação que se estabelece em torno da produção, circulação e uso do livro, pois, segundo o autor, mesmo sabendo-se que o livro vem sendo concebido e difundido nas sociedades de formas variadas, de acordo com o lugar e a época, os livros impressos continuam passando pelo mesmo ciclo de comunicação:

⁵ Sua trajetória como professora e autora de livros didáticos já foi objeto de uma dissertação de mestrado: Facin (2008).

⁶ O grupo de pesquisa HISALES recebeu do neto da professora, Ricardo Thofehrn, parte de seu espólio, doado por ocasião do desenvolvimento da tese de doutorado de Alves (2013).

Os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor. O leitor encerra esse circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. (...) Assim o circuito percorre um ciclo completo. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante (DARNTON, 2010, p. 112).

Tais aspectos podem e devem ser considerados também no que tange às análises do livro didático. Os conceitos de Chartier (1990, 1996, 2000) também são essenciais para esta investigação, pois, segundo o autor, o livro é um objeto cujo ciclo envolve as práticas de produção, de circulação e de apropriação, que são interdependentes e essenciais para o conhecimento de vários aspectos que podem ser investigados a partir desse impresso e que revelam características de criação, fabricação e formas de uso, sempre relacionadas a um contexto histórico, econômico, cultural, educacional e mercadológico. No caso das cartilhas escolares, esses ciclos evidenciam a existência de etapas, técnicas e atividades humanas, que envolvem autores, editores e políticas editoriais, impressores, mercado, tendências pedagógicas, governo, escolas, professores, alunos, entre outros.

Partindo de alguns desses pressupostos, este artigo apresenta os primeiros resultados da investigação que procura identificar e analisar quais foram os livros para o ensino da leitura e escrita (cartilhas) produzidos por autoras gaúchas que efetivamente circularam e foram usados nas escolas do Rio Grande do Sul, com ênfase para as da Região Sul do Estado, pelas características do acervo (maior número de cadernos de alunos e professoras advindos de escolas desta Região). Um levantamento nos 57 cadernos de crianças em fase de alfabetização (Pré-escola, 1º ano/1ª série, 2º ano/ 2ª série) do período de abrangência da pesquisa (1940-1980) revela aspectos dessa circulação e uso.

Enfatizamos, antes de continuar, que temos separado as cartilhas gaúchas⁷ dos demais livros produzidos no RS para diversas séries. Isso se explica por algumas razões: a) primeiro, pela especificidade do livro “cartilha”⁸; b) segundo,

⁷ Salientamos que denominamos “cartilhas gaúchas ou publicações gaúchas” tanto os livros didáticos que foram publicadas por autoras gaúchas em editoras gaúchas, como aquelas que foram editadas por autoras gaúchas em editoras de outros estados brasileiros.

⁸ Há várias denominações desses manuscritos ou impressos para ensino da leitura e da escrita: carta, cartinha, cartilha, silabários, abecedário, livro para ensino da leitura, livro de leitura, pré-livro, livro de alfabetização, ou seja, a denominação variou ao longo do tempo, mas o objetivo sempre foi o mesmo: introduzir as crianças e os jovens e adultos não-leitores na cultura escrita. Chartier, A. M. (2007, p. 69), referindo-se ao “livreto de alfabetização”, afirma que se trata de um “livro de iniciação cultural”, que coloca “em cena o ‘mundo da escrita’ proposto como referência aos leitores principiantes”.

muitas vezes ele é um livro “isolado”, ou seja, não faz parte de uma coleção, diferentemente dos demais livros produzidos por autoras gaúchas que compõem coleções, via de regra livros integrados, ou seja, compostos por várias disciplinas conjuntamente, sendo um livro para cada série (1º ano ao 5º ano até 1972, 1ª série até 4ª série após esse período).

A seguir, são apresentadas algumas informações sobre o *corpus* de pesquisa e como operamos metodologicamente, no intuito de explicar os dados produzidos e que são utilizados neste artigo.

O *corpus* de pesquisa e a metodologia de coleta de dados⁹

A constituição dos acervos do grupo de pesquisa HISALES não tem sido tarefa fácil, por todos os fatores implicados nos procedimentos envolvidos. Neste sentido, em seus estudos, Choppin (2002, 2004, 2008, 2009) discorre a respeito das dificuldades e dos limites do estudo dos livros escolares, mostrando os problemas na pesquisa nessa área que se estendem desde a localização, a conservação, as condições materiais do objeto livro escolar até as fragilidades teóricas e metodológicas desses estudos. Suas afirmações podem ser aplicadas ainda mais para o caso dos cadernos dos alunos e dos cadernos de planejamento de professores¹⁰. Material ordinário e de rápido descarte, os cadernos tanto de alunos como de professoras não têm facilmente resistido ao tempo. Mesmo assim, temos logrado êxito na tarefa de recolha e guarda desse tipo de material, nossos documentos de pesquisa: possuímos, ao todo, 563 cadernos de alunos já catalogados, das mais variadas séries escolares (com ênfase para as primeiras séries/anos escolares) e 156 cadernos de planejamento de professoras, além de 268 livros didáticos produzidos no RS e especificamente 27 cartilhas de autores/ editoras gaúchas para um período que vai além do tomado nesta pesquisa.

O *corpus* de pesquisa utilizado para este trabalho é formado, então, por uma seleção de 16 cartilhas de autoria de professoras gaúchas, produzidas entre os anos de 1940 e final dos anos de 1970, período de atuação mais sistemática do CPOE¹¹, e pelos cadernos de alunos em fase de alfabetização (também referentes ao período específico da pesquisa, 1940-1980). As 16 cartilhas identificadas como tendo sido produzidas nessa época e que constituem a primeira parte do *corpus* de pesquisa estão detalhadas na Tabela 1.

⁹ A etapa de coleta de dados contou com o trabalho das bolsistas de Iniciação Científica, Pâmela Kurz Alves e Tamires Tuane Fanka Dorneles,

¹⁰ No RS esses planejamentos de aula diária, manuscritos e feitos em cadernos comuns, são denominados *Diário de Classe*.

¹¹ Embora o CPOE tenha sido extinto em 1971, sua influência ainda perdurou na educação gaúcha.

Tabela 1 – Cartilhas gaúchas disponíveis no acervo HISALES e informações editoriais.

SELEÇÃO DE CARTILHAS GAÚCHAS DO ACERVO DO HISALES					
	TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ED.	ANO
01	A cartilha de Zê-Toquinho	Odila Barros Xavier	Livraria do Globo (Porto Alegre/RS)	3ª	1948
02	As férias com vovô – Pré-livro	Angélica Serena Otto Beyer	Edições Tabajara (Porto Alegre/RS)	3ª	1967
				6ª	1968
03	Alegria, Alegria – Pré-livro Série 2001	Nelly Cunha, Teresa Iara Palmmini Fabreti & Zélia Maria Sequeira de Carvalho	Editora Globo (Porto Alegre/RS)	1ª	1973
04	Cartilha do Guri	Elbio N. Gonzalez, Rosa M. Ruschel & Flavia E. Braun	Edições Tabajara (Porto Alegre/RS)	8ª	1969
05	Céu Azul – Pré-livro	Rosa M. Ruschel & Flavia E. Braun	Edições Tabajara (Porto Alegre/RS)	1ª	1970
06	Dedê, José e Tião – Cartilha	Maria de Lourdes Gastal	Editora F. T. D. S.A. (São Paulo/SP)	3ª	1968
07	Estrada Iluminada – Série Nelci Bichano e Zumbi – Primeiro Ano	Cecy Cordeiro Thofehrn e Nelly Cunha	Editora do Brasil S/A (São Paulo/SP)	s/e	1960
				11ª	1960
				14ª	1962
				24ª	1963
				33ª	1967
08	Juca e Zazá – Cartilha (capa) – Pré-livro (folha de rosto)	Eloah Ribeiro Kunz	Editora do Brasil (São Paulo/SP)	3ª	s/d
09	Marcelo, Vera e Faisca – Cartilha	Norma Menezes de Oliveira; Alsina Alves Lima; Eny Emília Dias da Silveira; Liliانا Tavares Rosa; Maria Flora de Menezes Ribeiro; Maria Heoniza Nascimento da Silva; Norma Nunes de Menezes; Marilena Tavares Rosa; Rachel Kier	Edições Tabajara (Porto Alegre/RS)	2ª	1962 (2 exs.)
				5ª	1970
10	Nossa Terra Nossa Gente – Pré livro	Nelly Cunha & Cecy Cordeiro Thofehrn	Editora do Brasil (São Paulo/SP)	2ª	1974
11	Nossa Terra Nossa Gente – 1º ano	Nelly Cunha & Cecy Cordeiro Thofehrn	Editora do Brasil (São Paulo/SP)	4ª	s/d
				18ª	s/d
12	Paralelas – Comunicação e Expressão – 1ª série	Iara Thofehrn Coelho & Nelly Cunha	Editora do Brasil (São Paulo/SP)	s/e e 2ª	1979 (7 exs.)
13	Sarita e seus amiguinhos – Cartilha	Cecy Cordeiro Thofehrn & Jandira Cárdis Szechir	Editora do Brasil (São Paulo/SP)	s/e	s/d
				26ª	1957
				54ª	1958
				109ª	s/d
14	Tapete Verde – Livro Integrado – 1ª série	Nelly Cunha e Teresa Iara Palmmini Fabretti	Editora Globo (Porto Alegre/RS)	1ª	1976
15	Tempo Presente. A escola da bicharada – 1ª série	Iara Thofehrn Coelho & Nelly Cunha	Editora do Brasil (São Paulo/SP)	2ª	1977
16	Viva o Circo – Pré-livro	Teresa Iara Palmmini Fabreti & Zélia Maria Sequeira de Carvalho	Editora Globo (Porto Alegre/RS)	s/e	1970

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Acervo HISALES.

A seguir, apresentamos a segunda parte do *corpus* de pesquisa deste trabalho, que é formada pelos cadernos de alunos em fase de alfabetização, do qual estão sendo extraídos dados para a investigação em andamento, na relação com as cartilhas.

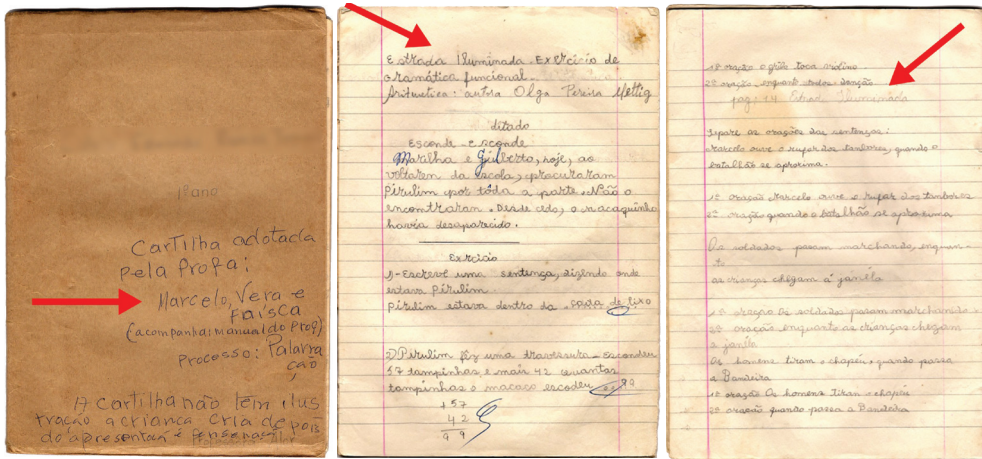
No geral, o acervo de cadernos de alunos compõe-se, atualmente, como afirmamos, de 563 exemplares, datados de 1930 a 2013¹². Trabalhamos neste artigo com parte desse acervo, 57 deles (aqueles do período definido da pesquisa). Por cadernos de alfabetização compreendemos, para o período de abrangência desta pesquisa, 1940-1980, aqueles em que há registro do ensino sistemático da leitura e da escrita na fase inicial de escolarização (Pré-escolar, 1º ano/1ª série, 2º ano/2ª série).

Chartier, A. M. (2007, p. 23) considera que o caderno escolar é, ao mesmo tempo, uma fonte ou objeto de investigação “[...] fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade”. Há muito a ser explorado nos cadernos de alunos disponíveis no acervo do HISALES e neste material temos buscado extrair, de forma articulada e comparativa, alguns elementos de análise, como por exemplo os utilizados para este trabalho, descritos a seguir.

Considerando os objetivos desta pesquisa, a primeira ação investigativa, do ponto de vista metodológico, foi a procura em cada um dos 57 cadernos de aluno por aquilo que denominamos de *referências explícitas* das 16 cartilhas produzidas no Rio Grande do Sul (títulos e/ou autores), uma vez que conhecemos bastante os livros produzidos por autoras gaúchas. Desse procedimento resultaram apenas duas referências no conjunto dos cadernos pesquisados. O primeiro caso foi encontrado em um caderno de aluno da 1ª série do ano de 1960, no qual consta na sua capa que a cartilha adotada pela professora era *Marcelo, Vera e Faísca*. O segundo caso é um caderno de aluno da 2ª série do ano de 1967, no qual consta a referência, em duas de suas páginas, do título da coleção *Estrada Iluminada*. A Figura 1 ilustra esses casos, de referências explícitas às cartilhas gaúchas.

¹² Autores como Chartier A. M. (2007), Viñao (2008) e Gvirtz (1999) têm contribuído com seus estudos sobre/ com cadernos como referencial teórico às pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa HISALES. Os cadernos de alunos, em geral, já têm sido fonte e objeto de estudo no grupo de pesquisa há alguns anos (PERES & BARUM, 2008; PORTO & PERES, 2009; PERES, 2008b, 2010a, 2010b; PERES & NOGUEIRA, 2014) e a familiaridade com estes documentos tem contribuído no levantamento dos dados para essa pesquisa específica.

Figura 1 – Capa e páginas de cadernos de alunos (à esquerda: C1 – 1ª série, 1960; no centro e à direita: C2 – 2ª série, 1967, com a indicação explícita de uso de cartilhas gaúchas).



Fonte: Acervo HISALES.

Diante da modéstia desse primeiro resultado da investigação – que por vezes é desestimulante e desanimador – não desistimos. Em discussão no grupo de pesquisa concluímos que, entre outras coisas, não era prática comum a professora solicitar aos alunos que registrassem por escrito em seus cadernos a fonte do texto e/ou das atividades dadas na aula, ou seja, o título dos livros utilizados por ela não era anotado pelos alunos¹³.

Assim, um segundo procedimento de coleta de dados foi definido: mapear todos os nomes das personagens que aparecem nas 16 cartilhas gaúchas do *corpus* de pesquisa. Esta ação decorre do fato de que as personagens são recursos muito utilizados nas historietas das cartilhas¹⁴ e costumam ser elementos que propiciam a identificação do impresso didático de origem. Sendo assim, a relação das personagens rastreadas nas 16 cartilhas gaúchas analisadas pode ser conferida no Quadro 1, a seguir.

¹³ Diferente dos dias atuais (nos cadernos mais atuais há muitos registros de atividades nos/com os livros didáticos, uma espécie de “prestação de contas” sobre o uso do livro didático, mais comum hoje nas salas de aula do que entre os anos de 1940-1980) e diferente dos Cadernos de Planejamento das professoras. Nesses cadernos dos planos de aula, há mais registros dos livros usados em sala de aula. Essa é segunda etapa da investigação, já em andamento.

¹⁴ Nesse período no Rio Grande do Sul estava em evidência o método da *word recognition* (PERES, 2014) e o método analítico para o ensino da leitura e da escrita (PERES & CEZAR, 2003; PERES & PORTO, 2004; PERES, 2008). Sendo assim, personagens crianças e animais são recorrentes em todas as cartilhas.

Quadro 1 – Personagens identificadas nas 16 cartilhas gaúchas do *corpus* de pesquisa.

PERSONAGENS IDENTIFICADAS NAS CARTILHAS GAÚCHAS DO CORPUS DE PESQUISA		
	CARTILHA	PRINCIPAIS PERSONAGENS
01.	A cartilha de Zê-Toquinho	36 personagens: Zê-Toquinho (menino); Zazá (irmã); Pilôto (cachorro do Zê-Toquinho); Veludo (gato da Zazá); Maria (professora); Tia Foroza (cozinheira); Tição (neto da Tia Foroza); Sancho-Pança (leitão); Lili (boneca da Zazá); Pintada (galinha carijó da vovó), Dudú (macaquinha do Tição); Louro (papagaio da tia Foroza); Tonico (petiço do Zê-Toquinho); Tlim-Tlim (bicicleta do Zê-Toquinho); Babá (vaca); Bêbé (terneirinho); Dadá; Lulú; Dedé; Didi; Dodó; Totó (cachorro); Jurema (Jujú – amiga de Zazá); Joca (irmão de Jujú); Naná (boneca da Jujú); Zuzuta (mulher do chipanzê); Zizi (colega de Zazá); D. Marocas (mãe de Joca); Mimi (gatinha preta); Fifi (gatinho branco); Gigi (gatinho); Dona Negrinha (mãe dos gatinhos); Helena; Homero; Humberto; Xexéu (rapaz da farmácia).
02.	As férias com vovô – Pré-livro	10 personagens: Leda (menina); Davi (menino); Tetéia (cachorro); Simão (menino); Lais (menina); Renato (menino); Marta (menina); Ceci (cozinheira); João (filho de Ceci); Chico (homem – gaúcho).
03.	Alegria, Alegria – Pré-livro Série 2001	04 personagens: Renato (menino); Diva (menina); Lucinha (irmã); Pimpão (gato).
04.	Cartilha do Guri	05 personagens: Olavo (menino); Êlida (menina); Ênio (irmão de Êlida); Memé (carneirinho); Totó (cachorro de Êlida).
05.	Céu Azul – Pré-livro	06 personagens: Martinho (menino); Selene (menina); Lica (cachorra); Suzi (boneca de Selene); Astronauta; Foguete.
06.	Dedé, José e Tião – Cartilha	06 personagens: Dedé (menina); José (menino); Tupi (cachorro); Tião (amigo); Carlos (amigo); Vera (amiga).
07.	Estrada Iluminada – Série Nelci – Bichano e Zumbi – Primeiro Ano	10 personagens: Bichano (gato); Zumbi (cachorro); Galinha Carijó; Pintinho Preto; Donha Minhoca; Mamãe Pata; Gafanhoto; Vaga-lume; Paulinho (menino); Iarinha (menina).
08.	Juca e Zazá – Cartilha (capa) – Pré-livro (folha de rosto)	13 personagens: Juca (menino); Zazá (menina); Ceci (tia); Pilôto (cachorro da Zazá); Veludo (gato da Doli); Doli (menina – irmãzinha); Pacato (cavalo do Juca); João (vovó); Saul; Ilca; Olga; Elza (amiga de Zazá); Glaci (vovó).
09.	Marcelo, Vera e Faisca – Cartilha	05 personagens: Marcelo (menino); Vera (menina); Faisca (cachorro); Nilo (amigo, vizinho); Gládis (prima de Vera e Marcelo).
10.	Nossa Terra Nossa Gente – Pré livro	05 personagens: Rodrigo (menino); Alice (menina); Bolinha (cachorra); Belinha (boneca); Simão (macaco).
11.	Nossa Terra Nossa Gente – 1º Ano	05 personagens: Bichano (gato); Zumbi (cachorro); Paulo (menino); Iarinha (menina); Valéria (colega).
12.	Paralelas – Comunicação e Expressão – 1ª série	03 personagens: Pedrinho (menino); Helena (menina); Cláudio (menino).
13.	Sarita e seus amiguinhos – Cartilha	08 personagens: Sarita (menina); Bibi (coelho de Sarita); Zazá (boneca); Xerife (cachorro de Sarita); Zuzu (gato de Sarita); Louro (papagaio de Sarita); Francisco (irmão de Sarita); Dona Helena (mãe de Sarita).
14.	Tapete Verde – Livro Integrado – 1ª série	15 personagens: Balu (coelho); Lolita (menina); Batuta (rato); Nina (girafa); Pavuna (sapo); Fofinho (gato); Felipe (menino); Jabuti (jabuti); Tatu (tatu); Renato (menino); Mamãe (mãe de Felipe); Guilherme (menino); Passarinho (passarinho); Dona Aranha (aranha); Glória (menina).
15.	Tempo Presente. A escola da bicharada – 1ª série	07 personagens: Veloz (coelho); Pitu (tartaruga); Celeste (borboleta professora); Verdinho (grilo); Mimosa (gatinha); Serelepe (ratinho branco); Zumbinha (abelha).
16.	Viva o Circo – Pré-livro	22 personagens: Julinho (menino); Vera (menina); Zita (bailarina); Xiru (palhaço); Gigi (foca); Eva (bailarina); Lili; Cora; Lalá; Vavá; Ari; Cícero; Joãozinho; Carlos; Ceci; Cecília; Joca (coelho); Dumbo (elefante); Talita; Zizico; Dona Corina; Amélia.

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Acervo HISALES.

Conforme os dados apresentados no Quadro 1, identificamos um total de 160 personagens nas 16 cartilhas gaúchas selecionadas. Por essa amostragem, podemos ver que alguns nomes se repetem nas cartilhas, como por exemplo: Lili, Vera, Renato, Zazá. Mesmo assim, esse universo semântico de mais de 100 substantivos (próprios em sua maioria) nos dá elementos para – no cruzamento dos dados – identificar o uso de determinadas cartilhas na sala de aula no período em questão.

Assim sendo, em uma terceira etapa de coleta de dados, retornamos aos 57 cadernos das crianças e, primeiramente, localizamos todos e quaisquer personagens que estavam anotadas em sentenças, textos, cópia de palavras isoladas e até nas atividades, totalizando, com esse procedimento, 871 recorrências, ainda sem rastreamento específico de vínculo às personagens das cartilhas.

Finalmente, de posse desses dados, a quarta etapa de coleta de dados consistiu na identificação, entre os 871 registros de personagens (pessoas e animais, nomes próprios) das suas possíveis relações com aquelas presentes nas páginas das cartilhas gaúchas que já tínhamos identificado anteriormente (as 160 personagens descritas no Quadro 1).

Neste cruzamento foram detectadas várias recorrências compatíveis entre as personagens anotadas nos cadernos de alunos e as 160 personagens das 16 cartilhas. Denominamos esse procedimento de *referência implícita* às cartilhas, pois, nestes casos, não encontramos os títulos das cartilhas escritos nas páginas dos cadernos (que as identificariam explicitamente), mas sim informações (como o nome das personagens) que poderiam nos levar a uma provável associação a esses livros.

É importante considerar que os dados são baseados em uma possível compatibilidade e não como conclusivos, devido a fatores tais como: a) a verificação de que há uso de mesmo nome de algumas personagens em mais de uma cartilha e, diante disso, se não há mais dados que confirmem, não se conclui a qual delas as personagens são relativas; b) casos de personagens com nomes considerados comuns e de maior recorrência e que porventura possam ter sido usadas sem fazer referência a exemplos recolhidos de alguma cartilha específica.

Era preciso, então, estudar cuidadosamente o “contexto” em que essas recorrências apareciam para poder relacioná-las à cartilha, o que de fato foi feito. De posse dessas recorrências de nomes compatíveis com aqueles dos livros finalmente passamos à quinta e última etapa de levantamento de dados: cotejamos os textos, frases, exercícios dos cadernos e das cartilhas. Esse procedimento nos deu a possibilidade de identificar, nesse momento, o uso de algumas das 16 cartilhas produzidas por professoras gaúchas com vínculo direto ou indireto com CPOE. Nesse caso, podemos citar: *As férias com vovô*; *Cartilha do Guri*; *Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi*; *Juca e Zazá*; *Marcelo, Vera e Faisca*; *Nossa Terra Nossa Gente*; *Viva o Circo*.

Assim, a seguir, tomamos três exemplos, retirados dos cadernos, para mostrar *como* três dessas cartilhas foram utilizadas para alfabetizar as crianças em escolas gaúchas, sendo elas: *Cartilha do Guri; Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi; Marcelo Vera e Faísca*. Escolhemos esses três casos – embora haja outros exemplos relacionados a outros títulos – porque consideramos potenciais para o objetivo que estabelecemos. Sabemos que os exemplos ainda não revelam aspectos de uma ampla circulação e uso. Mas nesse momento da pesquisa interessa-nos identificar *quais e como* foram usadas, mesmo que se trate de casos singulares que a fonte cadernos permite revelar. Assim sendo, passamos da análise da produção (aspecto já tratado em trabalhos) para outro polo do circuito, qual seja: do uso do livro, refletindo sobre os usos feitos pelos destinatários efetivos do livro didático: as professoras e os alunos.

O uso das cartilhas nas salas de aula gaúchas: *Cartilha do Guri; Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi; Marcelo, Vera e Faísca*

A produção de um livro – seja ele didático ou literário – não é garantia de seu uso ou leitura. Chartier, R. (1996) já indica que nem todo livro possuído é necessariamente livro lido. Assim, também em relação aos didáticos. A existência de um livro escolar – sua produção e disponibilização – pouco diz de sua circulação e menos ainda de seu uso. Para o caso gaúcho, sempre nos intrigou a quantidade de coleções didáticas e livros isolados produzidos, especialmente pós anos de 1940, com a criação do CPOE. Essa curiosidade científica sempre nos moveu a perguntar acerca de seus usos e da circulação. Com o cruzamento dos dados das cartilhas e dos cadernos dos alunos, eis que podemos agora apresentar alguns dados interessantes e que são exemplares desses usos.

Inicialmente, na Figura 2, destacamos as capas das três cartilhas gaúchas que tomamos como exemplo na relação com os dados levantados nos cadernos de alfabetização: *Cartilha do Guri; Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi; Marcelo, Vera e Faísca*.

Figura 2 – Capas das cartilhas gaúchas com uso de personagens nos cadernos de alunos. Da esquerda para a direita: *Cartilha do Guri* – 8. ed., 1969; *Estrada Iluminada* – Bichano e Zumbi – 11. ed., 1960; *Marcelo, Vera e Faisca* – 2. ed., 1962.



Fonte: Acervo HISALES.

Assim, para demonstrar *como* alguns desses livros foram utilizados em sala de aula, tomamos alguns exemplos relacionando as cartilhas supracitadas e primeiro deles é o da *Cartilha do Guri*, que foi publicada nos anos 1960 pelas Edições Tabajara de Porto Alegre e pertence à Coleção Guri, com livros destinados até o 4º ano. Embora na capa, no canto superior esquerdo, apareça de forma muito discreta somente o nome de duas autoras, a folha de rosto da cartilha anuncia a coautoria de três autores: Élbio N. Gonzales, Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun. As ilustrações são de Helga Trein e o método utilizado é o de palavras geradoras, com letras do tipo script, segundo informações retiradas da folha de rosto. Esta publicação contém também um Manual do Professor.

Com 64 páginas, quase todas elas apresentam uma palavra ou historietinha acompanhada de uma ilustração, localizada acima do texto, este sempre impresso em preto. As imagens possuem traçado em preto e o preenchimento de alguns de seus elementos variam de cores nas páginas, podendo ser vermelho, laranja ou verde, provavelmente remetendo-se às cores que tradicionalmente representam o estado do Rio Grande do Sul.

As primeiras lições iniciam-se com o nome dos personagens principais (Olavo, o menino; Élida, a menina). Como mostramos em outro artigo (PERES, 2014), a *word recognition* era o método de base da produção da maioria das cartilhas gaúchas. A *word recognition* ou *word perception*, em voga nos EUA desde os anos 1920 e que fortemente influenciou a produção gaúcha, preconizava que a palavra é a primeira unidade de percepção (GATES, 1928). Assim sendo, o processo de ensino da leitura e da escrita deveria começar com algumas palavras que seriam facilmente organizadas em frases, sentenças, parágrafos,

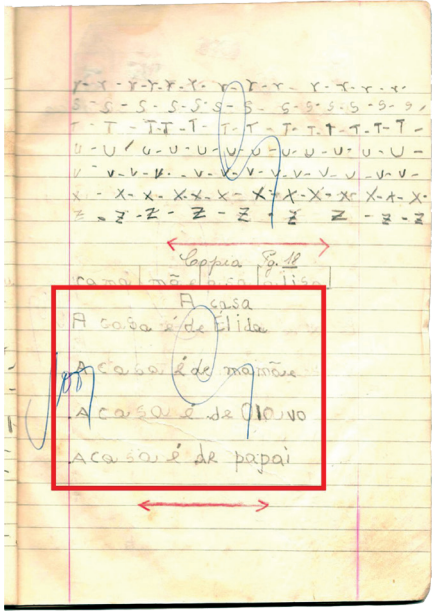

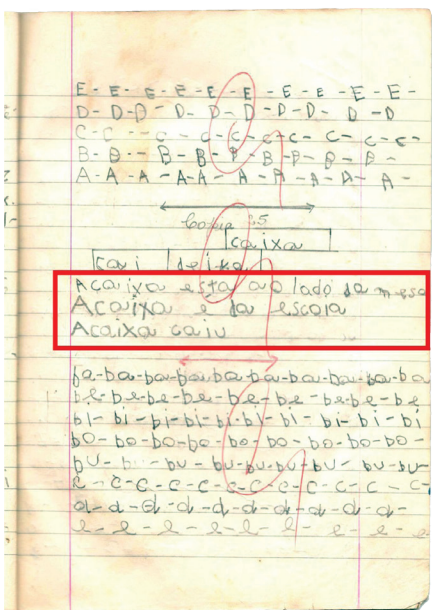
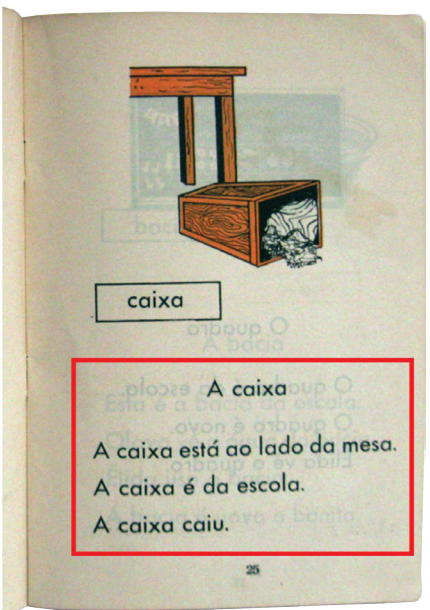
textos. As cartilhas, nesses casos, eram produzidas seguindo um modelo que tinha sempre os seguintes personagens: um menino, uma menina, o pai, a mãe, algum irmão/irmã ou amigos e os animais de estimação. Também na *Cartilha do Guri*, as primeiras palavras são nomes próprios e substantivos comuns. A essas palavras são seguidos os verbos (tais como: olhar, dar, ser, lavar, estar, cair, ver, usar, etc.), pronomes e artigos, além de adjetivos, formando assim as primeiras frases e permitindo a repetição em “novos contextos” das palavras usadas/aprendidas isoladamente.

Na *Cartilha do Guri*, além dos substantivos próprios – nome de pessoas da família e de animais – são usados verbos de forma repetida e que compõem pequenas frases como, por exemplo: Olavo olha o ovo; A pata olha o ovo; A bola é de Olavo; A boneca é de Élide; Olha a vovó; Olha a escola; A vovó é boa; A escola é boa; etc. No decorrer das páginas o nível de complexidade de leitura vai aumentando, as historietas ficam mais extensas, em um processo cumulativo das palavras, princípio fundamental da *word recognition*.

Os conteúdos da cartilha, que utiliza temáticas regionais, mostram sempre aspectos relacionados à vida pastoril, agrícola e industrial, tanto nas historietas como nas ilustrações, que apresentam imagens como: um pai cortando lenha com enxada, uma casa no campo, uvas, água escorrendo de balde, bota campeira, trator, carroça, roça, galpão, fogueira, animais diversos encontrados e criados no campo, horta, paisagem campesina com crianças brincando pelo campo e com animais etc.

Encontramos, nos cadernos de alunos, vários exemplos que indicam o uso da *Cartilha do Guri* em sala de aula, principalmente através da identificação das personagens nas páginas, cujos nomes são bastante característicos e diferenciados. O Quadro 2 apresenta duas páginas do caderno de um mesmo aluno, no qual foram encontradas 13 cópias integrais de historietas da *Cartilha do Guri*.

Quadro 2 – Páginas de caderno de aluno, com reprodução de historietas da *Cartilha do Guri*.

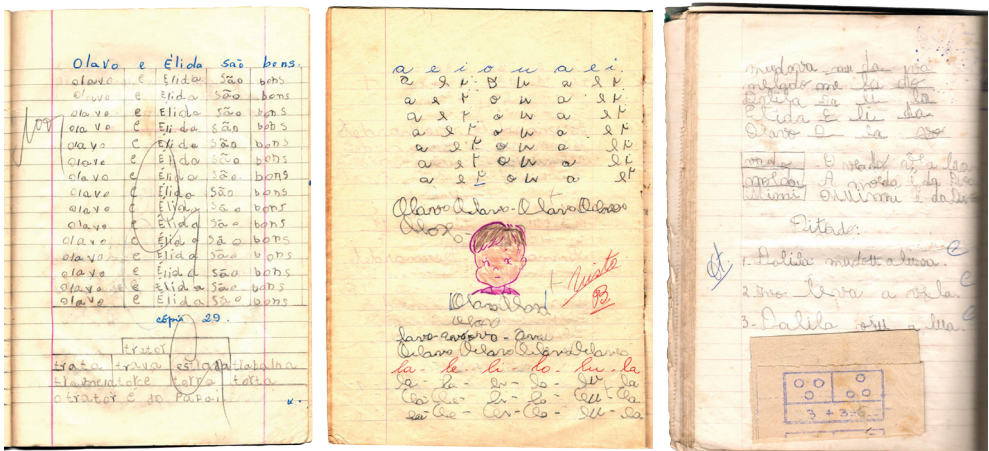
PÁGINA DE CADERNO DE ALUNO	PÁGINA DA CARTILHA DO GURI
 <p>C1 – 1ª série – 1966</p>	 <p>8ª ed. 1969 – p. 17</p>
 <p>C1 – 1ª série – 1966</p>	 <p>8ª ed. 1969 – p. 25</p>

Fonte: Acervo HISALES.

A historieta “A Caixa”, da p. 25 da Cartilha (mostrada no Quadro 2), foi copiada duas vezes pelo aluno em datas diferentes, mas as atividades posteriores a ela não são repetidas. Isso também aconteceu com outras duas historietas (“O menino” e “A bandeira”), que estão reproduzidas mais de uma vez no mesmo caderno (C1 – 1ª série – 1966).

Encontramos também cadernos com atividades diversas utilizando as personagens principais – Olavo e Êlida, como pode ser visto na Figura 3, que apresenta alguns desses exemplos.

Figura 3 – Páginas de cadernos de alunos (C1 – 1ª série – 1966 à esquerda; C2 – 1ª série – 1970; C2 – 1ª série – 1974 à direita) com a indicação das personagens da *Cartilha do Guri*, em atividades variadas.



Fonte: Acervo HISALES.

Assim, podemos dizer que, além da cópia, a construção de novos textos (diferentes do original da cartilha) e de exercícios variados, especialmente usando as personagens, foram estratégias didáticas que as professoras usaram, como mostramos com o exemplo da *Cartilha do Guri* e mostraremos a seguir em mais dois casos.

O segundo exemplo de obra cuja identificação de uso nas salas de aula foi detectada é o livro *Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi*, de autoria das professoras gaúchas Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha e publicado pela Editora do Brasil, de São Paulo. Integra a Coleção Didática do Brasil (que abarca várias publicações didáticas), com livros que vão até a Admissão ao Ginásio e que são considerados integrados, pois apresentam, no mesmo volume, conteúdos de Linguagem, Ciências, Estudos Sociais e Matemática. Além disso, há Livros de Exercícios de Gramática Funcional e Matemática Significativa e também um de Antologia e Gramática Aplicada.

Todos os livros mantêm o mesmo título, *Estrada Iluminada*, e variam no subtítulo: *Bichano e Zumbi*, *A Festa do Vaga-lume*, *O Álbum Maravilhoso*, *Canto*

da Minha Terra e Admissão ao Ginásio, Rodeio de Estrelas. O livro destinado ao 1º ano – *Bichano e Zumbi*, em especial, pertence à Série Nelci e seu conteúdo consta de Leitura Intermediária e Exercícios de Matemática para o 1º ano primário e a primeira edição é de 1960.

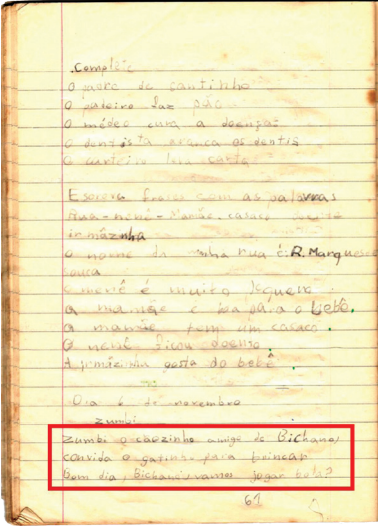
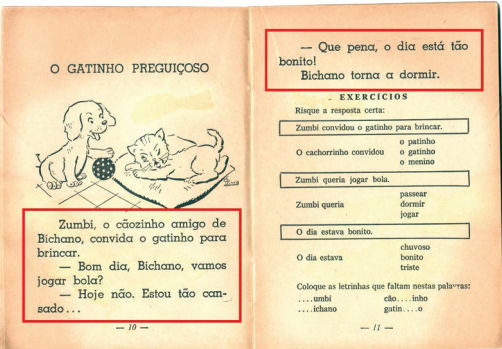
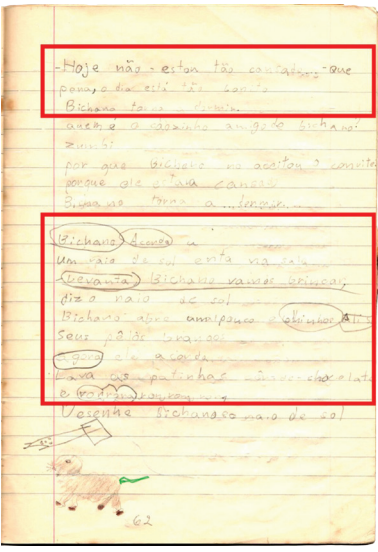

Esta obra foi elaborada a partir dos pressupostos do método analítico de ensino da leitura e da escrita. É um livro de ensino da segunda fase da leitura, o que caracteriza a leitura intermediária. Este é um dos muitos livros resultados da tendência hegemônica de adoção do método analítico (historietas/contos) de ensino da leitura no Rio Grande do Sul, especialmente a partir dos anos de 1950. Este método era de aplicação predominante nas obras didáticas produzidas em coautoria por Thofehrn e Cunha, e ocasionalmente delas com outras autoras. Em função disso, essas autoras são consideradas, no caso do Rio Grande do Sul, através de suas produções didáticas, divulgadoras de certo “modelo” de alfabetização que perdurou pelo menos até os anos 70 do século XX no Estado (PERES, 2008a).

Há dois personagens principais no livro, que dão nome ao seu título – Bichano (um gatinho) e Zumbi (um cãozinho) –, e todas as lições giram em torno destes animais. Nas 80 páginas do livro há 20 pequenas historietas acompanhadas de alguns exercícios e, na sequência, são apresentadas também, sob a denominação de Exercícios de Matemática, 19 lições de Matemática, a partir das historietas e das personagens do livro.

A capa do livro (igual para os 5 volumes – modificando-se apenas o subtítulo) apresenta uma imagem de um homem “gaúcho”, com trajes típicos do Rio Grande do Sul, conversando com duas crianças, numa paisagem tipicamente campeira. Isso remete à ideia de se abordar o regionalismo nos livros didáticos, explorando contextos que propiciem a valorização da tradição e da cultura gaúcha. O conteúdo textual e as imagens do livro são impressos apenas na cor preta. As ilustrações, encontradas em algumas páginas, são desenhadas apenas com contorno e são raros os preenchimentos de seus elementos, em preto chapado.

Em alguns cadernos de alunos foi possível identificar o uso das personagens principais Bichano e Zumbi, como podemos ver nos exemplos do Quadro 3, que ilustra um caso onde se encontrou em duas páginas seguidas a reprodução integral de duas historietas (“O gatinho preguiçoso” e “Bichano lembra”), seguidas imediatamente de atividades relacionadas ao conteúdo recém-escrito.

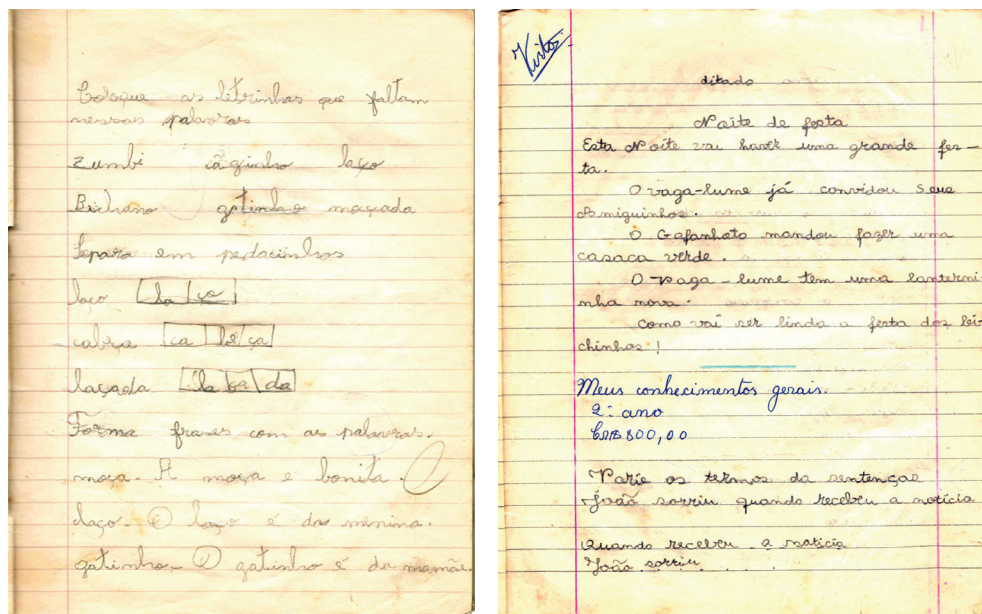
Quadro 3 – Páginas de caderno de aluno, com reprodução de historietas com as personagens da *Cartilha Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi*.

PÁGINA DE CADERNO DE ALUNO	PÁGINA DA CARTILHA ESTRADA ILUMINADA - BICHANO E ZUMBI
 <p>C4 – 1ª série – 1968 – página par</p>	 <p>11ª ed. 1960 – p. 10-11</p>
 <p>C4 – 1ª série – 1968 – página ímpar</p>	 <p>11ª ed. 1960 – p. 12-13</p>

Fonte: Acervo HISALES.

É comum encontrar também cadernos com anotações das personagens principais – Bichano e Zumbi – em variados exercícios e também escritas de versões adaptadas das historietas encontradas na cartilha, como ilustra a Figura 4.

Figura 4 – Páginas de cadernos de alunos (C1 – 1ª série – 1974 à esquerda; C2 – 2ª série – 1967 à direita) com a indicação das personagens de *Estrada Iluminada* – Bichano e Zumbi, em atividades variadas.



Fonte: Acervo HISALES.

Por fim, o terceiro e último exemplo que destacamos é a cartilha *Marcelo, Vera e Fáisca*, da qual também identificamos recorrências de uso nos cadernos das crianças. Esta cartilha se diferencia sobremaneira das demais do *corpus* da pesquisa por ser a única que não apresenta imagens nas páginas, contando apenas com a ilustração impressa na capa. Essa publicação compreende um livro texto, um Manual do Professor e um conjunto de material didático para uso de classe, que são cenários de teatrinho. A ausência de imagens na cartilha indica um dos fundamentos do processo de ensino da leitura da época: o aluno era copartícipe da produção do livro. Assim sendo, os espaços em branco na página (como se poderá ver nos exemplos dessa seção) supunham a participação ativa do aluno, produzindo e criando suas próprias personagens e cenários através do desenho livre.

Publicada pelas Edições Tabajara de Porto Alegre, suas autoras são: Norma Menezes de Oliveira, Alsina Alves de Lima, Eny Emília Dias da Silveira, Líliliana Tavares Rosa, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Norma Nunes de Menezes, Marilena Tavares Rosa e Rachel Kier¹⁵. Como supervisora, encontra-se o nome de Martha Silva de Carvalho.

¹⁵ Um grupo de professoras como autoras e a revisão de uma professora indica que essa produção coletiva pode ter sido feita no contexto de um curso de formação e/ou vinculada a uma política pública específica de produção de material didático. Ainda não conseguimos apurar esse dado com precisão. Contudo, estamos na busca dessas informações.

É importante registrar que essas informações não constam na capa da publicação, mas estão indicadas na folha de rosto da cartilha, e impressionam pela quantidade de autores envolvidos, pois é a única cartilha com mais de três nomes em coautoria.

Segundo divulgação de propaganda, encontrada em algumas contracapas da coleção didática *Nossos Exercícios* (também publicada pela Tabajara), a Cartilha *Marcelo, Vera e Faísca* aparecia qualificada como sendo “a mais moderna e extraordinária técnica de alfabetizar”, obtendo “grande repercussão e sucesso” e “sendo adotada em mais de 500 classes” do estado do Rio Grande do Sul, com “resultados entusiasmadores”. Adota-se, nessa cartilha, o Método Global de Palavras Progressivas, com uso de letras do tipo script, e todas as lições devem ser objetivadas e motivadas através da teatralização e ilustradas pelos alunos nas próprias páginas da cartilha. Isso justifica, então, a ausência de imagens nas suas páginas.

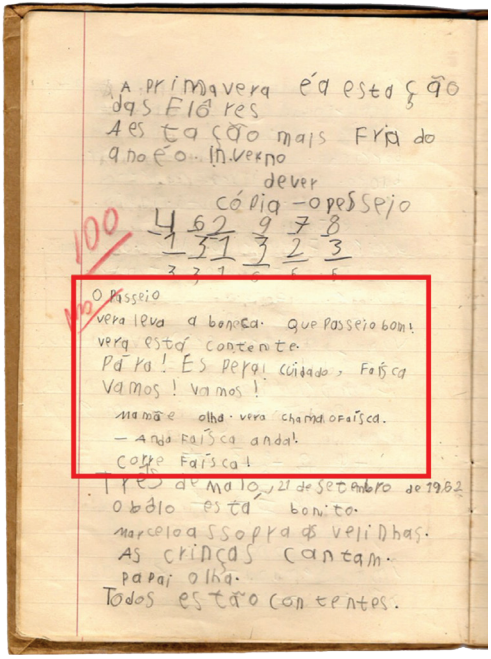
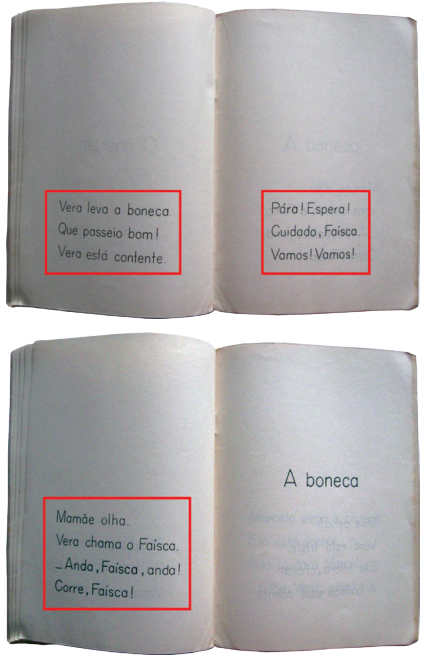
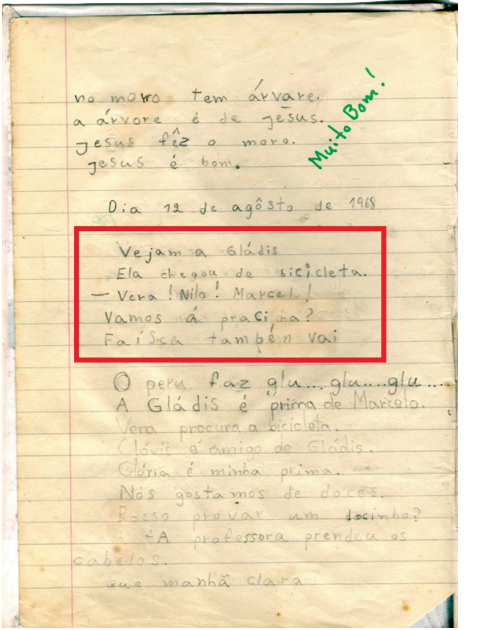
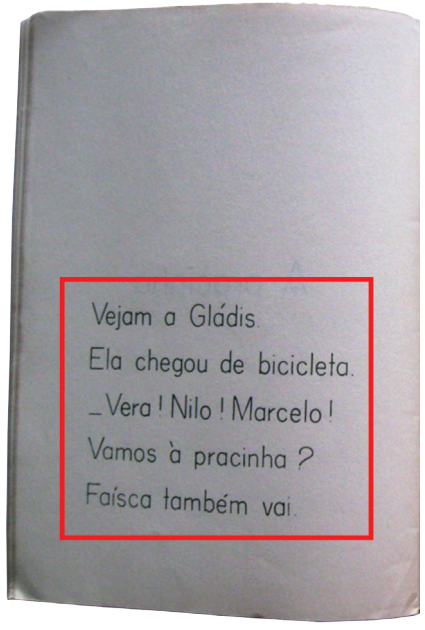
Com 60 páginas, contém apenas a cor preta nos textos das narrativas, enquanto que, na capa, são usados o laranja e o preto, sob fundo branco. Na capa podemos ver as três personagens principais indicadas tanto textualmente pelo próprio título da publicação como na ilustração que apresenta o menino Marcelo, a menina Vera e cachorro Faísca. Além disso, observa-se também, ao fundo, um peixe em um aquário, que pode ser relacionado ao peixinho vermelho apresentado em uma das historietas nas páginas.

Segundo dados encontrados no Manual do Professor de *Marcelo, Vera e Faísca*, as autoras indicam que o método adotado serviria para “atender a maneira como a criança, na fase de desenvolvimento correspondente à idade em que entra na escola, capta as ideias e aprende a reconhecer as palavras” (OLIVEIRA et al. 1967, p. 6). Essa cartilha é organizada em “unidades de leitura”, isso significa que as “palavras usadas têm sentido completo, não quebram a percepção sincrética da criança” (OLIVEIRA et al. 1967, p. 24). Conforme as autoras anunciam, “são poucas palavras e repetições variadas” (p. 23), sendo por elas denominado de processo das *palavras progressivas*. Além disso, a cartilha inclui “a apresentação inicial de palavras, que posteriormente surgem em unidades de leitura mais complexas” (p. 24).

Ao que tudo indica, a própria denominação do método usado na cartilha *Marcelo, Vera e Faísca – Método global de palavras progressivas* tenha sido influenciada pela ideia do controle, da repetição e da apresentação progressiva das palavras, procedimentos próprias da *word recognition*. *Marcelo, Vera e Faísca* está entre as cartilhas gaúchas que apresentam ideias de autores americanos explicitamente tratados, indicados majoritariamente na bibliografia e também no conteúdo do Manual do Professor (PERES, 2014).

O Quadro 4, a seguir, ilustra exemplos de páginas de cadernos de alunos nas quais se identificam as cópias de historietas com as personagens da *Marcelo, Vera e Faísca*, que aparecem tanto sob forma integral (“O Passeio” – no primeiro exemplo), como parcial (“A Pracinha” – no segundo exemplo).

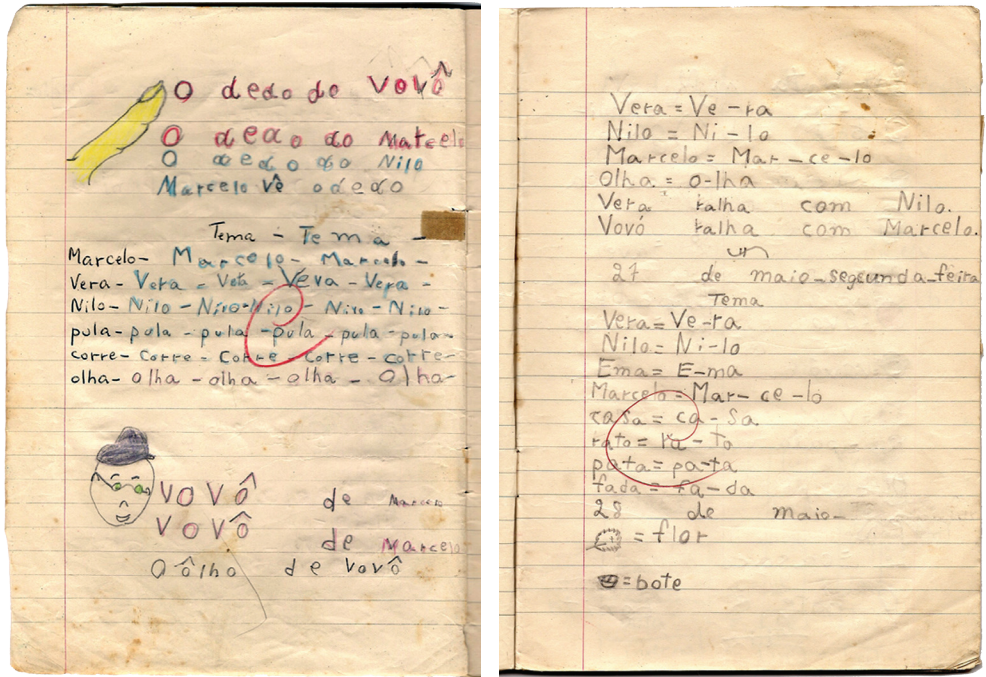
Quadro 4 – Páginas de caderno de aluno, com reprodução de historieta com as personagens da Cartilha *Marcelo, Vera e Faísca*.

PÁGINA DE CADERNO DE ALUNO	PÁGINA DA CARTILHA MARCELO, VERA E FAÍSCA
 <p>A primeira vera é a estação das FIBres A estação mais fria do ano é o Inverno dever cópia - opeSSeJo</p> $\begin{array}{r} 100 \\ 452 \\ - 131 \\ \hline 321 \end{array} \quad \begin{array}{r} 978 \\ - 323 \\ \hline 655 \end{array}$ <p>O passeio vera leva a boneca. que passeio bom! vera está contente. Pára! ES Pára! Cuidado, Faísca Vamos! Vamos! mamãe olha. vera chama o Faísca. - Anda Faísca, anda! corre Faísca! 11 de Setembro de 1962 obdio está bonito. marcelo a soppa de velidhas. As crianças cantam. papai olha. Todos estão contentes.</p>	 <p>Vera leva a boneca Que passeio bom! Vera está contente.</p> <p>Pára! Espera! Cuidado, Faísca. Vamos! Vamos!</p> <p>Mamãe olha. Vera chama o Faísca. - Anda, Faísca, anda! Corre, Faísca!</p> <p>A boneca</p>
<p>C1 - 1ª série - 1960</p>	<p>2ª ed. 1962</p>
 <p>no maro tem árvore. a árvore é de jesus. jesus fez o maro. jesus é bom. <i>Muito Bom!</i></p> <p>Dia 12 de agosto de 1968</p> <p>Vejam a Gládis Ela chegou de bicicleta. - Vera! Nilo! Marcelo! Vamos à pracinha? Faísca também vai</p> <p>O peru faz glu... glu... glu... A Gládis é prima de Marcelo. Vera procura a bicicleta. Gládis é amigo de Gládis. Gládis é minha prima. Nós gastamos de doces. Possa provar um docinho? A professora prendeu os cabelos. que manhã clara</p>	 <p>Vejam a Gládis Ela chegou de bicicleta. - Vera! Nilo! Marcelo! Vamos à pracinha? Faísca também vai.</p>
<p>C3 - 1ª série - 1968</p>	<p>2ª ed. 1962</p>

Fonte: Acervo HISALES.

Encontramos, também, além das reproduções integrais e parciais das historietas da cartilha *Marcelo, Vera e Faisca* nas páginas dos cadernos, casos de exercícios diversos e adaptações considerando a referência das principais personagens, tais como os exemplos ilustrados na Figura 5.

Figura 5 – Páginas de cadernos de aluno (C1 – 1ª série – 1968 à esquerda e C2 – 1ª série – 1968 à direita) com a indicação das personagens da cartilha *Marcelo, Vera e Faisca*, em exercícios variados.



Fonte: Acervo HISALES.

Apresentados, então, alguns dos exemplos de compatibilidade entre cartilhas gaúchas e cadernos de alunos na fase inicial da escolarização, podemos salientar pelo menos dois aspectos: 1) algumas das produções didáticas gaúchas destinadas ao ensino inicial da leitura e da escrita circularam e foram efetivamente utilizadas nas escolas. Uma afirmativa dessa natureza pode parecer *simplista*; contudo, todos que trabalhamos com história do livro (didático ou não) sabemos quão difícil é rastrear seus usos e seus leitores ou usuários; 2) as professoras usaram as cartilhas no processo de ensino da leitura e da escrita tanto para realizarem cópias, quanto para criarem novos e diferentes exercícios. Com essas duas importantes constatações avançaremos na pesquisa e nas análises que daí poderão decorrer.

Considerações finais

O primeiro aspecto que consideramos importante destacar aqui está relacionado aos procedimentos metodológicos da pesquisa em andamento: temos procurado construir alternativas para produzir os dados que revelam *quais e como* as cartilhas produzidas por autoras e/ou editoras gaúchas foram usadas em sala de aula. Eis aí algo que não se encontra *pronto* e que estamos construindo paulatinamente e tem sido resultado tanto da prática de pesquisa historiográfica com esses *documentos ordinários* (cartilhas, cadernos de alunos e de professoras) que temos acumulado, quanto dos estudos e discussões teórico-metodológicas feitas coletivamente.

Saber se de fato alguns livros foram ou não utilizados em sala de aula, e como isso foi feito, é um desafio grande para os pesquisadores e pesquisadoras do campo da produção didática, sobretudo daqueles ligados à área de alfabetização, principalmente considerando que, em concordância com Luke (1988), compreendemos que reunir os artefatos de alfabetização, descrevendo seus contextos e usos, sua distribuição espacial e temporal, quem os produziu etc., é tarefa fundamental para os estudos que se ocupam do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita em uma perspectiva histórica. Além disso, inspiradas nas produções e nos estudos de Darton (2010) e Chartier (1990, 1996, 2000), temos procurado ampliar a compreensão do “circuito da comunicação”, expandindo para além da produção as análises dos livros didáticos gaúchos. Esse artigo é um primeiro esforço nessa direção.

O segundo e último aspecto, para concluir, relaciona-se aos dados coletados na primeira fase da pesquisa. Em relação aos usos das cartilhas gaúchas em sala de aula identificamos, nos cadernos das crianças, a presença de vários títulos que foram de fato utilizados nas aulas em especial nas décadas de 1960 e 1970, auge da influência do CPOE na educação gaúcha.

As formas de uso variavam desde reproduções *fiéis* de historietas das cartilhas (cópias feitas pelo aluno, provavelmente passadas no quadro negro pela professora) até variações desses textos, que por vezes eram versões resumidas, adaptadas ou até modificadas, revelando os processos de criação didáticos das professoras. Encontramos, também, boa quantidade de atividades variadas a partir das historietas das cartilhas, remetendo principalmente às personagens protagonistas e mais conhecidas das narrativas, tais como: cópia de palavras; repetição de frases; separação de sílabas; criação de novas frases a partir das fornecidas; perguntas e respostas a respeito da narrativa; relações entre palavras; atividades de riscar, marcar, circular, ligar; desenhos, entre outros.

Podemos afirmar, assim, para concluir, que o livro didático, seja no passado, seja no presente, não é utilizado pelas professoras de forma única e absoluta, sequencial e integral, mas os usos são e serão sempre singulares e diferenciados.

Referências

- ALVES, Antônio Maurício Medeiros. *A Matemática Moderna no ensino primário (1960-1978): análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente*. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE – Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas.
- BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul: 1939-1942: O novo e o nacional em Revista*. Pelotas: Seiva, 2005.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 1999.
- CABEDA, Ada Vaz; LOPES, Neusa Vera; SOUZA, Leda Bastos e BLANKENHEIN, Aracy Lady. Comunicado da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul – Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais: Instruções Gerais para escolha do livro didático nas escolas do Rio Grande do Sul. *Revista do Ensino*. Porto Alegre, ano XIII, n. 102, p. 2-3, 1965.
- CABEDA, Ada Vaz; SOUZA, Leda Bastos e BLANKENHEIN, Aracy Lady. Comunicado da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul – Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais: Livro didático – condições gerais. *Revista do Ensino*. Porto Alegre, ano XIII, n. 100, p. 2-5, 1965.
- CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. CEALE. Coleção Linguagem e educação
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: ALB/FAPESP/Mercado de Letras, 2000.
- _____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set/dez. 2004.
- _____. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*. Pelotas, n. 11, p. 5-24, abril 2002.
- _____. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da Educação*. Pelotas, v. 13, n. 27, p. 9-75, jan/abr, 2009.
- _____. Políticas dos livros escolares no mundo: perspectiva comparada e histórica. *História da Educação*. Pelotas, v. 12, n. 24, p. 9-28, jan/abr, 2008.
- COMPÈRE, Marie-Madeleine. *L'histoire de l'Éducation en Europe*. Essai comparatif sur la façon dont elle s'écrit. Paris: Peter Lang/INRP, 1995.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIETRICH, Mara Denise. *A Cartilha "Ler a Jato" e o "Método Audiofonográfico" de Alfabetização da professora Gilda de Freitas Tomatis (1967-1986)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE – Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas.
- FACIN, Helenara Plaszewski. *Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999)*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.

GATES, Arthur I. *New Methods in Primary Reading*. New York: Teacher College, Columbia University, 1928.

GVIRTZ, Silvina. *El discurso escolar através de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1999.

LUKE, Allan. *Literacy, Textbooks and Ideology: Postwar Literacy Instruction and the Mythology of Dick and Jane*. Philadelphia: The Falmer Press, 1988.

OLIVEIRA, Norma Menzes et al. *Marcelo, Vera e Faísca – Manual do Professor*. Cartilha Método Global de palavras progressivas. 3. ed. Porto Alegre: Tabajara, 1967.

PERES, Eliane. A alfabetização vista através de cadernos escolares (1958-2009). (Painel: História da alfabetização e da cultura escrita: perspectivas conceituais e discussão das fontes). In: *Anais. XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. Belo Horizonte: UFMG, 2010a. v. 1. p. 1-12.

_____. A produção e a circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul: alguns dados de pesquisa. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Isabel Pereira (orgs.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros* (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CEALE/FAPEMIG, CNPq/UFMG/FaE, 2006a. p. 145-170.

_____. A produção sobre história da alfabetização no Rio Grande do Sul. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011a. p. 243-263.

_____. *Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir: a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959)*. 2000. 380 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

_____. Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofhern. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros* (MG/RS/MT, séculos XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006b. p. 171-190.

_____. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). *Educação UNISINOS*. São Leopoldo, v. 12, p. 111-121, 2008a.

_____. Desenvolvimento do projeto de pesquisa Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da S.; MACIEL, Francisca Isabel P. (org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros* (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CEALE/FAPEMIG; CNPq/ UFMG/ FaE, 2006c. p. 117-144.

_____. Influências do pensamento norte-americano na produção de cartilhas para o ensino da leitura e da escrita no Rio Grande do Sul na década de 1960. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (orgs.). *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*. São Paulo: Editora UNESP; Marília: Oficina Universitária, 2014.

_____. Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). *Não me esqueça num canto qualquer*. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008b, v. 1, p. 1-12.

_____. Produção de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1950 e 1970: contribuições à história da alfabetização e das práticas escolares. In: ENDIPE, 14, 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008c. v. 1. p. 1-12.

PERES, Eliane. Produção e uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres Ler? e Quero Ler. *História da Educação*. Pelotas, v. 3, n. 6, p. 89-103, 1999.

_____. “Registros marginais”: escritas de crianças em cadernos de alfabetização. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2010, São Luís. *Anais...* São Luís: UFMA, 2010b. p. 1-12.

_____. *Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense, 1875-1915*. 1995. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

PERES, Eliane; BARUM, Sylvia. T. O ditado escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização (1943-2007). In: *Anais*. 14º Encontro da ASPHE. Pelotas: UFPel, 2008. v. 1. p. 1-12.

PERES, Eliane; CÉZAR, Thais M. Divulgação e a adoção do método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970). *História da educação, literatura e memória*. Porto Alegre: ASPHE, 2003. p. 173-185.

PERES, Eliane; DIETRICH, Mara Denise. A cartilha Ler a Jato e o método audiofonográfico: uma proposta de alfabetização de uma professora gaúcha para o fim do analfabetismo no país (décadas de 1960-70). In: BARCELOS, Valdo H. L.; ANTUNES, Helenise S. (orgs.). *Alfabetização, letramento e leitura: territórios formativos*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2010. v. 1. p. 50-68.

PERES, Eliane; FACIN, Helenara P. A produção didática da professora Nelly Cunha e suas contribuições para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 1960-1980). In: SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane e FRADE, Isabel Cristina A. S. (orgs.). *Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola*. Vitória: Edufes, 2010, v. 1, p. 137-170.

PERES, Eliane; PORTO, Gilceane C. A produção e a circulação de cartilhas do método global de contos de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). In: LEAHY-DIOS, Cyana (org.). *Espaços e tempos de educação*. Rio de Janeiro: Brasa/C.L. Edições, 2004. p. 26-40.

PORTO, Gilceane Caetano; PERES, Eliane. Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças?. In: *Anais*. 32ª Reunião Anual da ANPED- Sociedade, cultura e educação: novas regulações?. Caxambu: ANPED, 2009. v. 1. p. 1-15.

QUADROS, Claudemir de. *Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul*. 2006. 429 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2006.

RAMIL, Chris de Azevedo. *A coleção didática Tapete Verde: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 – Rio Grande do Sul)*. 2013. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE – Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2013.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 69-90.